



FOTO E FATO:
o discurso expresso na imagem ‘A criança e o urubú’¹

Rita Cácia de Andrade *

RESUMO

Partindo de várias discussões referente a Análise do Discurso desenvolvida na pós graduação, muitos foram os questionamentos de como analisar, e qual a forma correta para tal. Assim, percebemos que esta questão em si abarca uma série de opções e que devem ser tidas como ponto de referência ou de partida. Subsequentemente, poderíamos responder: O que é uma fotografia? Por que quero analisar uma fotografia? Nesta perspectiva, procuramos ler/analisar uma imagem, explorá-la nas diversas possibilidades de interpretação, mesmo aquelas que não estejam explícitas, de modo a compreender o que a imagem nos diz, assim como o efeito social por ela provocado.

Palavras-chave: Letras. Análise do Discurso. Discurso. Imagem.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é desenvolver, no âmbito da Análise do Discurso, perspectivas voltadas ao estudo da imagem **A criança e o urubú** em sua materialidade, no caso, o não verbal.

Ao selecionarmos esta imagem consideramos algumas variáveis que poderíamos chamar de ‘enfáticas’, por serem elas que conferem ênfase a determinados elementos em detrimento de outros. Elementos como a cor, a complexidade de condicionantes culturais, sociais, históricos e econômicos, determinou o nível de interesse. Nessa perspectiva, entendemos que ler uma imagem é fazer perguntas, explorar diversas possibilidades de interpretação, mesmo aquelas que não estejam explícitas, é compreender o que a imagem nos

¹ Artigo elaborado a partir do trabalho apresentado à disciplina de **Análise do Discurso: a linguagem no contexto Social**, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2011, sob a orientação da professora Dra. Tânia Pitombo de Oliveira.

* Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2004. cursando a Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT / Sinop (2011/2012).

diz. Tal análise é um campo de pesquisa cujo objetivo é compreender a produção social de sentidos, realizada por sujeitos históricos, por meio da materialidade das linguagens.

A responsabilidade da fotografia e os impactos por ela despertados são de suma importância, pois podem desvendar um significado altamente subjetivo naquele que a visualiza. Assim sendo, é necessário olhar para a fotografia apresentada e de fato refletir.

2 O DISCURSO EXPRESSO NA IMAGEM ‘A CRIANÇA E O URUBÚ’

Fotografia 1 - A criança e o urubú



Fonte: Kevin Carter, Acervo Particular, 1993.

A foto em análise é de uma menina, foi tirada pelo sul-africano Kevin Carter em um campo de refugiados no Sudão em 1993, que após ser comprada e divulgada pelo Jornal Americano *New York Times* recebeu o prêmio Pulitzer (a mais importante premiação jornalística do mundo).

Como já era de se esperar, a divulgação ou conhecimento público de tal foto fomentou discursos ideológicos e demagogos por todo o mundo o que não diminuiu o sofrimento e a miséria imposta pela condição subumana em que vivem muitos povos africanos causados pelos infinitos conflitos étnicos e a busca pelo poder como forma de domínio por meio da força.

Toda imagem é passível de interpretação, de decodificação, mas algumas se destacam pelo que mostram, por seu componente denotativo, e outras parece terem sido feitas para provocar questionamentos, e possuem em si uma carga expressiva que oferece possibilidades ou não, em uma determinada via de pensamento que se deseja enfatizar.

Muitas vezes não exploramos o que realmente a imagem pode oferecer, os elementos históricos e sociais que podem e não são suscitadas e indagadas em determinadas imagens.

Estamos habituados a associar o conceito de alfabetização apenas à linguagem verbal e escrita, mas Barbosa (2002) menciona que é necessário a ‘alfabetização visual’. Dessa forma, para analisar e interpretar uma imagem é preciso conhecer e aprender a compreender qual o intuito que rege as entrelinhas. Assim, a leitura de imagem, como a dos textos escritos, não é apenas sensorial, mas implica também em um exercício estruturado de capacidade de decifração e compreensão, sendo que, somente uma leitura interpretativa que não é mera decifração, permite a comunicação.

Como menciona Orlandi (2001, p. 25) “[...] o trabalho do analista é em grande parte o de situar-se (compreender) – e não apenas refletir – o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentido”.

Analisadas perspectivamente, a imagem de uma negrinha com fome, sob o sol causticante da África, de corpo cadavérico, sem forças para se levantar e mostrando a fina pele colada nos ossos, tendo ao lado um urubú, prestes a devorá-la viva. A foto é chocante e revoltante, quando sabemos dos milhões ou bilhões que são roubados dos cofres públicos em lugar de serem empregados na produção e distribuição de alimentos, as quadrilhas oficiais, os vencimentos estratosféricos dos poderosos das Nações, as obras inexistentes e as viagens desnecessárias, faz-nos questionar onde esta a racionalidade humana.

Aos negros eram impostas várias leis, regras e sistemas de controles sociais, a questão tira-nos de uma territorialidade imediata e aparente, visto que a fome aumenta a cada dia no mundo, nesse sentido, a leitura da imagem tem chamado a atenção de diversas áreas de conhecimento que têm a mesma como objeto de interesse e estudo, pois a educação através da imagem, auxilia no processo pedagógico e também na formação crítica.

Independente do objetivo, devemos levar em consideração a concepção de livre expressão vinculada histórica e ideologicamente, enfatizada na visão pessoal como interpretação da realidade, na emoção como o principal conteúdo da expressão e contextualização. Nem sempre conseguimos provocar a compreensão dos conteúdos e temas oferecidos ou suscitar o potencial interpretativo, todavia, muitas vezes conseguimos explorar de forma até significativa.

O mesmo leitor não lê o mesmo texto/**imagem** da mesma maneira em diferentes momentos e em condições distintas de produção de leitura, e o mesmo texto é lido de maneiras diferentes em diferentes épocas, por diferentes leitores. É isso que entendemos quando afirmamos que há uma história de leitura do texto e há uma história de leitura dos leitores. (ORLANDI, 2001, p. 62, grifo nosso).

No entanto, insatisfeitos com esta realidade, acreditamos que seja necessário alfabetizar para a leitura da imagem que por consequência estaremos preparando para a decodificação da gramática visual e da imagem fixa.

Neste sentido, podemos relacionar esta alfabetização à capacidade dos indivíduos em compreender o sistema de representação visual, associando-a à capacidade de expressão através das imagens.

Assim a análise da imagem inevitavelmente nos remete a idade média em especial ao período das grandes navegações sucedido pelo período colonial das grandes metrópoles europeias no recém descoberto continente americano e a África na qual aconteceu o fato e o contexto presente na imagem em análise.

O subdesenvolvimento, os conflitos entre os povos e as enormes desigualdades sociais internas, são o resultado das grandes modificações impostas pelos europeus, que historicamente, não só invadiram a África, que apresenta grande diversidade étnica, cultural, social e política.

Neste continente são visíveis as condições de pobreza, subnutrição, analfabetismo e baixa expectativa de vida, todavia, ainda assim a saquearam, escravizaram e exploraram de maneira especulativa e selvagem. Como se não bastasse sua forma de colonização imposta, tanto cultural, política e religiosa, sem o menor respeito às formas de vida local, quanto seus aspectos culturais, sóciopolíticos e religioso, considerados para os padrões da época como uma subcultura, havia ali uma sociedade organizada em sua forma de viver, interagir e interpretar o mundo no qual viviam.

No entanto, os civilizados colonizadores europeus ao que parece ainda não são capazes de entender e perceber o quanto erraram em sua maneira de se relacionar com outros povos e etnias, é claro que não lhes eram proibido fazer negócios e interagir de maneira sábia e honesta, que as necessidades lhes fossem evidentes, mas agiram cegamente.

Cegueira na qual construíram uma história de racismo etnográfico sem limites e vergonhoso, tal qual sobrevivem até os nossos dias deixando sequelas, com graves problemas sociais como fome, pobreza e educação precária, além das tentativas da imposição política e religiosa, que com o avanço do Islamismo e sua imposição pela força, é responsável pela morte de inúmeros seres humanos em nome de uma ideologia religiosa e absurda, todavia, mais real do que nunca.

As várias tentativas de democratização do continente africano em sua maior parte foram frustradas, com raríssimas excessões, povos europeus, como britânicos, portugueses, franceses, alemães, belgas e holandeses que colonizaram boa parte dos países africanos ao sul

do deserto do Saara cometeram erros históricos em uma colonização de exploração, na qual estavam mais interessados nas riquezas naturais de suas colônias africanas, que promover uma colonização mais fixa nas suas colônias como o desenvolvimento da produção de alimentos, construção da infraestrutura em todos os níveis, além de uma educação capaz de gerir a demanda do desenvolvimento social como forma de garantir a auto sustentabilidade desses povos com dignidade.

Mas o que vemos é uma situação quase que inversa, são grandes contingentes humanos espalhados por diversos países da região, cujos modelos de organização sóciopolítica, cultural e religiosa foram desmontadas ou quase que inexistentes devido a imposição de seus invasores ou colonizadores, que exploraram e extraíram bilhões de dólares em ouro, diamante e outros minerais, além de riquezas vegetais, animais e energéticas por meio de empresas multinacionais em acordos comerciais injustos e especulativos, a exemplo do que acontece até os nossos dias feitos por vários países ricos da Ásia, Europa e nas Américas dentre os quais o Brasil.

Tal geopolítica internacional vem tirando de vários povos africanos qualquer possibilidade de futuro em especial para as próximas gerações. O que assistimos são milhões de vidas de crianças e adolescentes famintos, desnutridos, ou recrutados por grupos armados ou ditadores em várias regiões da África, principalmente no mundo pós 2º Guerra, na qual a riqueza global multiplicou-se várias vezes o que não diminuiu o eterno abismo entre ricos e pobres e fez da África em sua grande maioria um continente esquecido e marcado para morrer ante a inércia de um mundo materialista e cego incapaz de perceber a realidade a qual todos estamos inseridos.

Estes fragmentos da história evidenciam a desorganização social deixada por mais de 100 anos de uma colonização explorativa por países europeus, cujo argumento era a democratização dos povos africanos levando grande parte da África Negra (subsaariana) a um caos social, sem precedentes, alimentados por inúmeros e intensos conflitos étnicos, religiosos e por ditaduras sangrentas, o que nos leva a um questionamento, por que esses mesmos países que outrora exploravam não criaram uma política de ajuda socioeconômica as suas ex-colônias? Ao invés de gastarem anualmente bilhões de dólares em armas e na manutenção de poderosíssimas máquinas de guerra, como se estivessem preparados para enfrentar o pior e o mais perigoso dos inimigos.

Contudo, nos resta indagar quem enfim é o grande inimigo do homem se não ele mesmo? É necessário sair da inércia, pois o momento exige uma ação firme e contundente frente aos problemas socioeconômicos, não só dos povos africanos, mas de todos que

necessitam de ajuda de qualquer natureza, é hora de agirmos ou até quando continuaremos assistindo as tragédias de nossa realidade inertes e indiferentes no mundo e que vivemos?

3 CONCLUSÃO

A imagem passa a ser vista como importante elemento de informação, e, quando assim explorada, abre espaço para o estudo de seu potencial pedagógico, ou seja, nos oferece condições de entender a maneira pela qual comunicam e informam discursos visuais.

O fato de estarmos frequentemente em contato com imagens, nos mostra que a mesma se faz presente em nossas vidas desde o nosso nascimento, fazendo parte de nosso cotidiano antes mesmo da linguagem escrita. Ao iniciarmos na escola primária entramos em contato com livros que se utilizam de imagens para ilustrar as palavras. Estas imagens por muito tempo nos seduzem, e muitas vezes nem nos damos conta da sua importância, mas provocam nosso olhar, e muito contribuem em nosso processo de alfabetização.

Não obstante, podemos considerar que a formação de um indivíduo baseia-se na somatória de informações adquiridas, e que este acúmulo de informações determinam seu conhecimento de mundo, que por sua vez auxilia numa melhor decodificação das imagens presente em seu cotidiano.

Podemos dizer que não há leitura de imagens que não seja influenciada pela experiência de vida. O certo é que a percepção visual depende de vários fatores, uns de caráter individual, outros de caráter sociocultural, de forma que a análise crítica da imagem, seu contexto, principalmente, pela intensidade com que as imagens penetram em nosso cotidiano e pela sua produção e difusão na sociedade, através dos meios de comunicação de massa, ou seja, na propaganda, em *outdoors* e em uma infinidade de outros meios vão formar o ‘banco de dados visuais’ do indivíduo.

Mesmo que inconscientemente fazemos perguntas para significar o mundo em que estamos inseridos, pois o ser humano tem necessidade de interpretar tudo que está em sua volta. Independentemente da idade, uma verdade inquestionável, a seleção de uma imagem e a motivação para sua análise, são fatores determinantes para sensibilizar a capacidade perceptiva no processo de leitura.

Os diversos âmbitos de estudos propostos não são sequenciais nem isolados. Eles estão interconectados e vão ficando cada vez mais profundos. O nível de profundidade da leitura da imagem vai depender de um interesse pessoal e de um desejo de buscar nas diversas abordagens a respeito formas que proporcionem mais subsídios para o entendimento.

Outro aspecto que observamos durante à análise crítica da imagem reside em desvelar as mediações que a constituem, sociais, culturais e históricas evidenciando a situação histórica e contextual do tempo e lugar em que o fotógrafo registrou, permitindo-nos fazer uma comparação entre o singular e o universal.

Comparação que conota um universo regido, em parte, ao menos, por forças não suscetíveis à vontade e à ação dos indivíduos, impedindo ou sufocando a indignação moral. Movimentos de auto-ilusão que reforçam a perigosa capacidade humana de acostumar-se às coisas ou de sufocar os impulsos à violência que das fotos emanam, endurecendo o olhar para enfrentar a tragédia da existência.

**PHOTOGRAFY AND FACT:
the express speech in image ‘The child and the buzzard’**

ABSTRACT²

Based on several discussions regarding the discipline of discourse analysis developed in graduate school, there were several questions on how to analyze, and what the correct way to do so. This way we notice that this question in itself includes a series of options and that must be taken as point of reference or departure. Subsequently, we could answer: What is a photograph? Why Do I want to analyses a photograph? In this perspective, we try to read/analyze an image and explore it in possibilities different of interpretation, even those that are not explicit, in order to understand what the image tells us, as well as the social effects it caused.

Keywords: Languages. Discourse Analysis. Speech. Image.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana M. Tavares Bastos (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

FOTOS E FATOS. **A criança e o urubú**. Disponível em: < <http://maximagem2010.wordpress.com/2009/09/26/89/> >. Acesso em: 06 set.2011.

² Transcrição realizada pela aluna Rita Cácia de Andrade, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa e revisão pela professora Catichilene Gomes de Sousa (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto: Formação e Circulação dos Sentidos.** Campinas: Pontes, 2001.